

NOTA DE ABERTURA

José Ortega y Gasset deu em Lisboa, em 1944, um curso intitulado *La razón histórica*, tal como um outro exposto em Buenos Aires quatro anos antes¹. No entanto, quer as circunstâncias, quer o conteúdo desses cursos são muito diferentes. Iremos centrar-nos naquele que o filósofo espanhol apresentou na última etapa do seu longo exílio. Não obstante ter ficado incompleto, após interrupção por doença do autor, propusemo-nos traduzi-lo, considerando também importante enquadrá-lo no contexto próximo da obra orteguiana. Por isso, este volume contém, primeiramente, um breve estudo introdutório dedicado ao período vivido por J. Ortega y Gasset em Lisboa², a que se segue a nossa tradução de *La razón histórica [Curso de 1944]*³.

Disponibilizar os textos de Ortega y Gasset em Língua Portuguesa, como já defendemos noutras ocasiões⁴, não parece condição indispensável para que eles sejam acessíveis aos leitores lusos, atendendo, tanto a uma certa facilidade destes para diversos idiomas, como às semelhanças entre as duas línguas. Contudo, a riqueza e a enorme vantagem de ler na língua original a obra do filósofo espanhol parece, em Portugal, privilégio de um número restrito de

¹ Cf. ORTEGA Y GASSET, José – *La razón histórica [Curso de 1940]*, in *Obras completas*. Tomo IX. Madrid: Taurus/FJOG, 2009, pp. 475-558.

² No estudo introdutório, para além de traçarmos um enquadramento histórico, salientamos algumas categorias fundamentais do pensamento orteguiano (como, por exemplo, *circunstância*, *fazer*, *vocação*, *razão*) e presentes no curso apresentado depois em tradução, reservando o rodapé desta para outros esclarecimentos pontuais.

³ Cf. ORTEGA Y GASSET, José – *La razón histórica [Curso de 1944]*, in *Obras completas*. Tomo IX, ob. cit., pp. 623-700.

⁴ Ex., na conferência “Tradução de Espanhol para Português - Uma experiência singular”, inserida no programa das Jornadas Ibéricas “A Técnica em J. Ortega y Gasset”, realizadas em Lisboa e Évora em Novembro de 2010, e na conferência “Traducción - arte (¿o audacia?) de dar paso a una obra”, proferida no ano seguinte, em Madrid, no Congreso Internacional “Ortega y Gasset – Nuevas lecturas, nuevas perspectivas, a propósito de la nueva edición de sus *Obras completas*”.

pessoas, pelo que seleccionar certas obras e traduzi-las permite esperar que estas cheguem a um público potencialmente mais alargado.

Assim, e num momento em que já existe uma edição crítica dos textos de José Ortega y Gasset⁵, o fundamental é garantir que a tradução se faz, por um lado, a partir da fixação do *corpus* orteguiano dessa edição e, por outro, procurando respeitar as peculiaridades do discurso do filósofo, talvez acentuadas no nosso País ao ser proferido publicamente num meio em que era pouco conhecido⁶.

O texto do curso de 1944 em Lisboa foi inédito até à publicação, em 1979, na edição de Paulino Garagorri, do livro *Sobre la razón histórica* (revisto em 1980 e em 1983, e que foi incluído no Tomo XII da edição, no centenário de nascimento do autor, das suas *Obras Completas*. Madrid: Revista de Occidente en Alianza Editorial, 1983). No arquivo da Fundación José Ortega y Gasset (desde 2010, Fundación José Ortega y Gasset - Gregorio Marañón), conservam-se a versão manuscrita do curso e uma cópia dactilografada, corrigida pelo próprio Ortega, mas incompleta. O texto a partir do qual traduzimos⁷ baseia-se nos manuscritos, cotejados com o que está dactilografado, e inclui quatro páginas inéditas até às novas *Obras completas*, bem como uma citação, na Lição III, de

⁵ Trata-se das novas *Obras completas*, publicadas entre 2004 e 2010, numa co-edição com a Taurus, pela Fundación José Ortega y Gasset. Doravante, referiremos qualquer dos dez tomos desta edição através da sigla *Oc*, seguida da indicação do tomo em numeração romana e, finalmente, da indicação normal de página ou páginas.

⁶ Para além do recurso, frequente no autor, a uma coloquialidade mesclada inconfundivelmente com eloquência e erudição, em Lisboa Ortega procura usar algumas palavras portuguesas que o aproximem ainda mais do auditório. Essas palavras, escritas pelo filósofo em português no original (ainda que nem sempre com correcção ortográfica) são registadas em itálico no texto de que traduzimos e assim as mantemos nós. É o caso, por exemplo, da palavra “cadeira”, numerosas vezes usada na Lição III. Tentamos também, na tradução, ser fiéis às opções do autor, quanto ao estilo de pontuação, ao recurso, ora a certas repetições, ora, nalguns casos, a meras pistas para desenvolvimento, ao uso frequente do “-”, à transliteração do grego e, em geral, pretendemos preservar a expressividade do nosso autor, atendendo às alternativas linguísticas em relação às quais ele mesmo teve de escolher. Apenas traduzimos os termos e expressões da língua espanhola, mantendo os de outras línguas tal como Ortega os registou. A esses usos em itálico acrescentamos os impostos por não existir equivalente português, como no caso de *et cetera*, que, a não ser substituído pela abreviatura, usamos como tradução de “etcétera”. Temos bem presente a indicação do próprio filósofo espanhol de que os leitores agradecem ao tradutor que, “llevando al extremo de lo inteligible las posibilidades de su lengua, transparezcan en ella los modos de hablar propios al autor traducido” (ORTEGA Y GASSET, José - «Miseria y esplendor de la traducción», in *Oc*, V, p. 724), sabendo, porém, que “en cada pueblo las palabras experimentan aventuras diferentes”, como disse inclusive na Lição I do curso de Lisboa. Cf. IDEM - *La razón histórica* [*Curso de 1944*], ob. cit., p. 635.

⁷ Cf. *supra*, n. 3.

Formale und transzendente Logik, de Husserl, e um parágrafo de «Apuntes sobre el pensamiento, su teurgia y su demiurgia» em que Ortega já comentara esse mesmo excerto de Husserl; em adenda à Lição V, também se transcreve um começo descartado dessa lição que em edições anteriores tinha sido publicado como um dos apêndices ao curso⁸.

Importa ter presente, desde este momento, que, pelo facto de o curso ter sido interrompido, ficou por tratar directamente o tema que o respectivo título anuncia, o que não obsta a que possamos considerar que, radicado nas prioridades de pensamento do autor por aqueles anos, o que expôs em Lisboa é uma aplicação, na sua própria biografia, da razão histórica enquanto instrumento de compreensão e orientação da vida humana. Entre essas prioridades, destacava-se a reflexão sobre a missão do intelectual, o filosofar como tarefa vital e a crise da racionalidade lógica; ou seja, precisamente os temas filosóficos a que Ortega se dedicou nas lições dadas em Lisboa, há mais de setenta anos.

⁸ Cf. «Notas a la edición», in *Oc*, IX, p. 1463 e ss.